

Essa diversidade e sua mestiçagem constituem a marca do nosso povo, o orgulho de nosso país, o emblema que sustentamos no pórtico do novo século. E essa identidade dá-nos a base para a entrada no novo milênio, o da “civilização global”; distingue-nos pelos valores da tolerância, permite que reflitamos, a partir dela, o quanto conseguimos caminhar nesses 500 anos.

Basta olhar para o século que finda para ver o quanto fizemos. Em 1900 éramos 17 milhões de pessoas. Hoje, somos mais de 160 milhões. Nossa economia está entre as cinco que mais cresceram no século e nenhum país dos que andaram depressa se aproxima do número de habitantes que temos.

Hoje, 80% do nosso povo vive em cidades. Plantamos não centenas, mas milhares de cidades em 100 anos, e não por acaso Brasília é outro de nossos símbolos.

Se no começo do século XX éramos um país basicamente rural, hoje, contando com uma das maiores produções agrícolas do mundo, menos de 20% dos nossos compatriotas vivem no campo.

Industrializamo-nos, lançamo-nos à aventura da ciência e da tecnologia. Fabricamos e exportamos aviões, desenvolvemos tecnologias para exploração de petróleo em águas profundas e desenvolvemos novas técnicas para a exploração agrícola; mantemos um sistema de apoio à ciência e à tecnologia que é um dos mais sólidos dos países em desenvolvimento, dispomos de uma medicina de alta complexidade de padrão universal.

Se contávamos apenas com 16% de pessoas que sabiam ler e escrever no início do século XX, hoje, são menos de 15% as que, infelizmente, ainda são analfabetas.

Quase todas as nossas crianças – 96% – estão nas escolas. E estamos lutando para que os 4% restantes não amarguem a falta de instrução.

Avançamos na luta contra o analfabetismo, assim como continuamos lutando contra a mortalidade infantil e, no novo século, vamos ganhar estas batalhas.